

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

12

Actas do Colóquio Internacional
ORIENTALISMO ONTEM E HOJE

東方學國際研討會論文集
東方學：過去與現在

A ARQUEOLOGIA EGÍPCIA NO SÉCULO XIX: DA «CAÇA AO TESOURO» À SALVAGUARDA DA HERANÇA FARAÓNICA

Por JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

Professor da Universidade Aberta

Os cem anos que medeiam entre o «Je tiens l'affaire!» com que Jean-François Champollion festejou com o irmão a descoberta dos princípios de decifração da escrita hieroglífica egípcia (14 de Setembro de 1822) e o «Yes, wonderful things!» com que, a 26 de Novembro de 1922, Howard Carter respondeu a Lord Carnarvon descrevendo o que conseguia vislumbrar no interior do recém aberto túmulo intacto de Tutankhamon, são marcados pelo estabelecimento, desenvolvimento e consolidação dos três grandes pilares da moderna Egiptologia: a história, a filologia e a arqueologia.

Desde então, a Egiptologia científica firmou os seus créditos assente num postulado incontornável e irreversível constituído pela absoluta complementaridade das investigações históricas, filológicas e arqueológicas.

No que à arqueologia egípcia diz respeito, não é nossa intenção traçar aqui um olhar retrospectivo que invoque detalhadamente os percursos e os trabalhos de todas as grandes figuras que contribuíram para a sua fundação e promoção no século XIX. Tal empreendimento, além de fastidioso, revelar-se-ia, seguramente, muito pouco original e criativo. Antes, gostaríamos de reflectir sobre as grandes características apresentadas por esta disciplina ao longo de Oitocentos, considerando particularmente o alcance e o significado das suas iniciativas e o impacto dos seus métodos e objectivos, de acordo com

uma divisão operativa dos períodos em «antes» e «depois» da acção de Auguste Mariette.

A matriz genética da arqueologia egípcia desenvolveu-se em torno da tensão existente entre a chamada «caça ao tesouro» ou antiquariato e a arqueologia científica. De um lado, as pulsões comerciais e de recolha-saque de objectos que interessassem aos museus, mesmo que, para o efeito, se tivesse de destruir monumentos ou artefactos; do outro, a investigação metodologicamente organizada e conceptualmente enquadrada ao serviço da reconstituição e conhecimento sustentado do passado, tendo por objectivo a salvaguarda dos próprios locais intervencionados.

Propomos ainda um exercício de comparação e avaliação do contributo da arqueologia científica no Egipto para a recuperação e a salvaguarda da herança patrimonial-artística dos antigos Egípcios, sobretudo na segunda metade do século XIX, a partir da consideração das litografias de David Roberts, realizadas no final dos anos 30 do mesmo século.

Antes de Auguste Mariette: cônsules, *firman*, comércio de antiguidades

Sob o impacto das imagens e dos dados colhidos pelos sábios da expedição ao Egipto de Napoleão Bonaparte (1798), publicadas na *Description de l'Égypte* (1809-1822), primeira obra sistemática consagrada ao Egipto⁽¹⁾, a Europa oitocentista descobriu a civilização dos antigos faraós e, de um momento para o outro, tornou-a moda. A mais bela herança da expedição de Bonaparte abria uma nova via às relações entre o Ocidente e o Oriente.

Os 9 volumes de texto e 11 de pranchas *in-folio* da primeira edição da obra, com mais de 3000 esboços realizados por cerca de 200 artistas, organizados em três grandes partes (Antiguidades, Estado Moderno, História Natural), estudavam o país de Norte a Sul, sob todos os aspectos: a sua geografia, geologia, fauna, flora, os seus minerais, a natureza das suas águas, etc. Os habitantes foram exaustivamente descritos quanto aos seus tipos físicos, indumentária, costumes, música, moeda, fiscalidade, ofícios, condições sanitárias, etc. Todos os monumentos visíveis na época, faraónicos, cristãos, árabes ou turcos, foram também assinalados, desenhados e medidos⁽²⁾. À descrição sistemática e metódica do país realizada pela Comissão das Ciências e das Artes acrescentava-se a extrema precisão e profusão dos documentos⁽³⁾.

Embora talvez não se possa, com exactidão, atribuir à campanha napoleónica do Egipto o carácter fundacional da arqueologia egípcia

como fazem alguns autores, uma vez que às breves notas explicativas que acompanhavam os mapas «arqueológicos» faltava ainda o significado das descobertas que era totalmente desconhecido, é possível, porém, considerar a *Description* como uma peça fundamental nesse processo. Além disso, com os seus objectivos de formar uma «obra completa» sobre o Egipto, «la *Description* en reste l'éloquent témoignage et sans doute la plus belle victoire du général Bonaparte»⁽⁴⁾.

O manancial de conhecimentos actualizados que esta extraordinária enciclopédia fornecia, autêntica síntese etnográfica e geográfica, teve o condão de seduzir os Europeus e de lhes permitir descobrir um país longínquo até então praticamente desconhecido. Inicialmente, o fascínio provinha do Egipto turco dos paxás, com os seus hábitos curiosos, as suas mesquitas, palácios e afamadas festanças «à oriental». Paulatinamente, porém, o Nilo e a sua periódica inundaçã, as suas plantas e animais exóticos, os impressionantes monumentos encontrados (templos, túmulos, obeliscos, colunatas, colossos, pirâmides, esfinges, etc.) chamaram a atençã para o passado mais remoto do tempo dos antigos reis e deuses com cabeças de animais.

O clima intelectual gerado na Europa romântica, de arrebatado entusiasmo e curiosidade pelo exotismo e pela auréola de mistério provenientes do Egipto, tornaram-no rapidamente num destino mais do que apetecível quase obrigatório. Em breve, a atracçã pelos segredos escondidos da antiga civilizaçã egípcia, apenas levemente desvendados nas pranchas da *Description*, fez deslocar aventureiros e estudiosos de todo o tipo num afã de descoberta e de colecçã de antiguidades egípcias sem precedentes⁽⁵⁾, iniciando-se uma época que de arqueologia tem ainda muito pouco e que caberia melhor na designaçã de «pilhagem de antiguidades» do que em qualquer outra.

O turbilhão da investigaçã e a «febre das antiguidades» atingiu e contagiou particulares e instituições oficiais que não olharam a meios e expedientes para obterem as suas antiguidades egípcias. Este verdadeiro assalto organizado ao património egípcio não só era tolerado como mesmo incentivado pelo governo de Mohamed Ali (1769-1849), um oficial de origem albanesa que, em 1805, aproveitando os conflitos militares entre Franceses, Ingleses e Mamelucos, tomara o poder e fora nomeado paxá pelo sultão otomano⁽⁶⁾.

Perseguindo ferozmente a influêcia mameluca no país, Mohamed Ali empreendeu um vasto plano de modernizaçã, contando para o efeito com numerosos «técnicos», ou que por tal se faziam passar, de origem francesa, inglesa, alemã, italiana, etc., com vista à criaçã de uma indústria inexistente no Egipto.

Entre 1810 e 1850, ou seja, até meados do século XIX, é justamente entre estes estrangeiros chegados como cooperantes oficiais ou particulares que se encontrarão os grandes responsáveis pelo saque e pela delapidação do património egípcio. Na primeira linha, destacavam-se os cônsules diplomáticos.

Com efeito, estes desempenharam um papel de primeiro plano no comércio de antiguidades, uma vez que quer para o transporte dos objectos quer para a escavação dos sítios (ao nível do recrutamento de trabalhadores) era preciso um *firman* (palavra de origem persa que significava «ordem»), ou seja, uma autorização escrita, que os cônsules, devido à sua excelente posição política, facilmente obtinham ou negociavam.

Os próprios cônsules dirigiam pessoalmente as operações, recrutando os membros das suas equipas, a maioria sem grande escrúpulo ou zelo científico, que iriam escavar, comprar ou transportar as antiguidades em seu nome. Assim fizeram, como se sabe, os cônsules-gerais de França (Bernardino Drovetti, Jean-François Mimaut, Sabatier), de Inglaterra (Henry Salt) e da Suécia e Noruega (Giovanni Anastasi).

Em consequência, milhares de objectos de incalculável valor artístico e financeiro abandonaram o Egipto a caminho de colecções públicas e privadas um pouco por toda a Europa. Assim se constituíram os fundos das grandes colecções dos museus de Turim, de Paris, de Berlim, de Londres, de Leiden e de Viena⁽⁷⁾.

Ao mesmo tempo que se procedia a este comércio oficial e legal de antiguidades, muitas outras continuavam a sua intensa circulação nos prósperos mercados paralelos em pleno Egipto. O tráfico de antiguidades era um lucrativo negócio para muitos comerciantes do Cairo e para numerosos camponeses da província.

Até meados do século, viveu-se um período de autêntica pilhagem organizada, em larga escala e totalmente impune, protegida pelos *firman* oficiais. As redes de antiquários e contrabandistas encontravam-se bem estabelecidas e operavam com assinalável sucesso.

Os objectos hoje pertença dos grandes museus da Europa mostram que os representantes diplomáticos e os seus agentes preferiam monumentos de grandes dimensões e peso, feitos de granito (esfinxes, estátuas colossais, sarcófagos, etc.), cujas operações de recolha e transporte foram, elas próprias, autênticas «missões impossíveis» e epopeias de trabalho, com recurso às mais díspares técnicas, nem todas muito ortodoxas. Surgiu, inclusive, uma verdadeira competição para ver quem transportava mais rapidamente a maior quantidade possível de objectos de grandes dimensões⁽⁸⁾.

Entre os engenhosos aventureiros deste período podem referir-se o francês Jean-Jacques Rifaut (1780-1852) e o chamado «titã de

Pádua», Giovanni Battista Belzoni (1778-1823). Este último, chegado ao Egipto como *expert* em hidráulica, apresentou a Mohamed Ali uma roda hidráulica por si inventada (com uma capacidade de fornecer água seis vezes superior à tradicional saqueia) destinada a facilitar a irrigação das culturas. Face à recusa de Mohamed Ali, Belzoni ficou desempregado e conheceria então Henry Salt (1780-1827), o cônsul britânico, que lhe propôs a tarefa de transportar até ao British Museum um busto colossal em granito («the young Memnon») do *Ramesseum*, o templo funerário de Ramsés II, em Tebas Ocidental.

A partir de 1816, o antigo saltimbanco inicia a sua incrível aventura lucrativa no domínio da arqueologia, ou, mais exactamente, do coleccionismo, escudado nos necessários *firman* providenciados por H. Salt e estimulado pelos seus financiamentos. Além de conseguir com sucesso a instalação do busto ramsésida na Egyptian Gallery do Museu londrino (onde já estava a Pedra de Roseta), que rapidamente se tornou uma das suas maiores atracções, bem como de 18 estátuas antropomorfas com cabeça de leoa da deusa Sekhmet, de uma outra estátua real e de várias esfinges que descobrira ao escavar em Karnak, em 1817, Belzoni libertaria ainda das areias que o cobriam o Templo Grande de Ramsés II, em Abu Simbel, que, quatro anos antes, em 1813, fora descoberto pelo grande orientalista suíço Johann Ludwig Burckhardt (1784-1817)⁽⁹⁾.

O italiano não penetraria apenas no interior do Templo Grande de Abu Simbel. No mesmo ano, descobriria intacto, no Vale dos Reis, um grande hipogeu real magnificamente decorado com pinturas policromas e requintados baixos-relevos: o túmulo de Seti I. Ainda hoje, por isso, este túmulo é conhecido como «túmulo Belzoni»⁽¹⁰⁾.

Ao serviço de questionáveis objectivos, as actividades de Belzoni, conduzidas, não obstante, com particular perspicácia, atingiram resultados arqueologicamente relevantes e guindaram-no a um lugar de destaque entre os pioneiros da «arqueologia» egípcia. Os seus métodos, todavia, eram muito pouco científicos e caracterizavam-se mais pela destruição do que pela recuperação e preservação dos sítios antigos⁽¹¹⁾.

Embora as pilhagens e os roubos de antiguidades tenham marcado indelevelmente as primeiras décadas do séc. XIX, não podemos esquecer também os viajantes e estudiosos que pautaram as suas iniciativas e actividades por objectivos bem mais elevados e que, dessa forma, forneceram preciosos contributos à nascente investigação egiptológica. Ainda assim, mesmo esses, nem sempre conseguiram resistir à tentação de recolha de antiguidades para os seus países de origem.

No leque deste tipo de estudiosos podemos integrar, por exemplo, o desenhador e geógrafo italiano Girolamo Segato (1792-1836)

que, de 1818-1823, se instalou no Cairo. Fascinado pelo mistério do mundo antigo dos faraós, consagrou-se, essencialmente, aos trabalhos topográficos e cartográficos. Nas proximidades do Cairo, explorou Sakara e coube-lhe o privilégio de ter localizado a entrada da pirâmide de degraus do faraó Djoser, da III dinastia, e encontrado os numerosos vasos de pedra que enchiam a entrada desse monumento.

No rol destes primeiros arqueólogos é igualmente obrigatória uma referência ao pai da Egiptologia britânica, John Gardner Wilkinson (1797-1875). Depois de doze anos de ininterruptos trabalhos de campo no Egito e na Núbia (1821-1833), dirigindo escavações em Karnak, no Vale dos Reis e em Guebel Barkal, Wilkinson foi o primeiro arqueólogo a elaborar um mapa detalhado da antiga capital de Akhenaton, em Amarna, e dos túmulos e templos da região tebana ocidental.

O espírito científico de Wilkinson levou-o também a fazer aguarelas de todos os objectos encontrados, que hoje, em muitos casos, funcionam como documentos históricos de referência obrigatória para os modernos investigadores. Foi ele que numerou à mão os túmulos até então abertos nos Vales dos Reis, das Rainhas e dos Nobres. O sistema de numeração não mais seria abandonado, sendo ainda usado pelos modernos arqueólogos dos nossos dias. Em 1837, Sir John Gardner Wilkinson publicaria a sua obra principal, em três volumes, *Manners and customs of the ancient Egyptians*.

Como Belzoni, também o francês Emile Prisse d'Avennes (1807-1879), chegou ao Egito, em 1829, como engenheiro civil e hidrógrafo e, a partir de 1836, consagrou-se inteiramente à arqueologia⁽¹²⁾. Também ele viajou pela Núbia e Abu Simbel, acabando por se fixar em Lucsor. Os vinte anos que permaneceu no Egito foram dedicados à observação, anotação, realização de mapas e esboços, desenhos e estampas dos monumentos egípcios que depois, em 1878, publicaria na *Histoire de l'art égyptien d'après les monuments, depuis les temps les plus reculés jusqu'à la domination romaine*, obra essencial na biblioteca egiptológica oitocentista.

O «patriotismo» de Prisse d'Avennes moveu-o a canalizar para França todos os monumentos que podia. Foi ele que ofereceu ao Louvre, onde ainda se encontra exposta ao público, a «Capela dos Antepassados» de Tutmés III, retirada do templo de Karnak. A Bibliothèque Nationale seria agraciada com um papiro (*Papiro Prisse*), por ele comprado a um camponês de Gurna e que era a cópia (datada de c. de 2000 a. C.) de um texto atribuído a Ptahhotep, vizir do faraó Ilesi, penúltimo rei da V dinastia, Império Antigo (c. de 2400 a. C.)⁽¹³⁾.

Também a expedição franco-toscana de 1828-1829, que Jean-François Champollion (1790-1832) organizou com o seu discípulo e

amigo Ippolito Rosellini (1800-1843), de que fazia parte, entre outros, o desenhador Nestor L'Hôte (1804-1842), patrocinada pelo grão-duque Leopoldo II da Toscana, acabou por se inserir no mesmo movimento.

Esta expedição permitiria ao decifrador dos hieróglifos egípcios verificar no terreno o valor das suas propostas filológicas e de as confrontar com outros documentos epigráficos. De Alexandria a Assuão, na Núbia, em Abu Simbel, um pouco por todo o lado, Champollion pôde ler, traduzir e copiar textos hieroglíficos. A matéria recolhida era suficiente para as sínteses que até ao final da sua vida ainda produziria. Sob a coordenação de Rosellini foram executados variadíssimos relevos epigráficos e desenhos dos principais monumentos antigos que seriam reunidos em catorze volumes manuscritos, depois publicados em dez volumes na obra *I Monumenti dell'Egitto e della Nubia, disegnati dalla spedizione scientifico-letteraria Toscana in Egitto* (1832 a 1844)⁽¹⁴⁾.

Por ocasião desta expedição, Champollion foi o primeiro a lançar o alerta para o estado de degradação em que se encontravam os monumentos egípcios e para a necessidade de conservar esse insubstituível património. Champollion propôs mesmo a Mohamed Ali um plano de salvaguarda dos monumentos antigos⁽¹⁵⁾.

Em contraste, Rosellini aproveitou a «visita» para adquirir importantes peças arqueológicas que viriam a constituir o núcleo principal da colecção egípcia do actual Museu Arqueológico de Florença. A própria expedição franco-toscana, comandada por «interesses científicos», não escapou, portanto, totalmente, à onda de delapidação e destruição do património histórico do antigo Egipto, em nome da recuperação de antiguidades para deleite dos Europeus. Mesmo os membros desta expedição, que assinala já um momento particularmente sério e honesto de registo e compilação de informes avulsos, debatiam-se com as várias tensões/pulsões geradas pelo coleccionismo e pelas suas consequências.

Estas conclusões são também aplicáveis à primeira grande expedição de carácter científico (1842-1845), organizada pelo rei Friedrich Wilhelm IV da Prússia, sob a direcção de Karl Richard Lepsius (1810-1884), o fundador da Egiptologia alemã, geralmente tido como o maior egiptólogo depois de Champollion⁽¹⁶⁾. A intensa actividade da expedição em termos cartográficos e arqueológicos, registando, inclusive, sítios até então não referenciados pelas expedições anteriores, materializar-se-ia na riquíssima obra epigráfica em doze volumes, a célebre *Denkmäler aus Ägypten und Äthiopien* (1849-1859), com 894 pranchas em grande folio (55 x 70 cm) – outro grande corpus de inscrições e de monumentos da Egiptologia oitocentista⁽¹⁷⁾.

A expedição prussiana percorreu o vale do Nilo até aos confins da actual Etiópia e recolheu numerosos monumentos e objectos que constituiriam a base da colecção do Museu de Berlim, de que o próprio Richard Lepsius seria nomeado conservador em 1865. A sua acção inscreve-se ainda no quadro do «patriotismo dos arqueólogos» que consideravam o espólio das suas missões como pertença dos seus países financiadores e que, em consequência, as faziam sair do Egípto a caminho dos seus países.

Depois de Auguste Mariette: organização, método, ciência

A prática de antiquariato baseada na recolha de valiosas antiguidades egípcias prosseguiu até praticamente finais do século XIX. Mesmo homens que se vieram a destacar pelo seu esforço em prol da conservação do espólio antigo egípcio em território egípcio, chegaram ao Egípto sob o forte impulso do comércio de antiguidades e do coleccionismo. O caso do francês François-Auguste-Ferdinand Mariette (1821-1881) é, neste aspecto, paradigmático.

Funcionário modesto do Museu do Louvre, Mariette partiu, em 1850, para o Egípto com a missão de adquirir para o seu museu antigos manuscritos coptas e siríacos que pudessem ombrear com as colecções de Londres e do Vaticano. As suas *démarches* junto do patriarca copta não foram bem sucedidas e foi-lhe recusada a autorização de entrada nos mosteiros.

Invadido pelo fascínio das descobertas e atraído por um certo gosto pelo risco e pela aventura, o francês «converteu-se» à arqueologia e, diga-se, com rara intuição e extraordinários resultados, não obstante praticar uma posteriormente abandonada «arqueologia horizontal», totalmente indefensável aos olhos da moderna arqueologia⁽¹⁸⁾. A semente nele lançada por Nestor L'Hôte, o desenhador de Champollion, seu parente afastado, dava excelentes frutos.

Financiado pelos museus nacionais franceses e pelo Ministério de Estado francês, com o apoio constante da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, Auguste Mariette operava com o objectivo explícito de beneficiar o Museu do Louvre, com o acordo tácito das autoridades egípcias.

Em 1850-51, descobre o *Serapeum* de Sakara, a necrópole subterrânea dos bois Ápis. Ainda hoje, esta continua a ser uma das grandes descobertas e um dos momentos capitais da arqueologia egípcia, mesmo depois dos achados do esconderijo de múmias reais de Deir el-Bahari (Gaston Maspero, 1881), do túmulo de Tutankhamon (Howard Carter, 1922) ou dos túmulos reais de Tânis (Pierre Montet, 1939).

Na mesma zona (Sakara Norte), Mariette remove as areias de inúmeras mastabas. Entre elas, refira-se a de Ti que Eça de Queirós visitaria, em 1869, aliás como entraria também no *Serapeum*. Em Guiza, Mariette escava o templo do vale de Khafré ou da Grande Esfinge e, em Abidos, o templo de Seti I.

Mas as brilhantes descobertas de Mariette no vale do Nilo não se ficaram por aqui: em San el-Hagar (a antiga Tânis) traz à luz do dia vários edifícios do tempo dos Hicsos; na região tebana devem-se-lhe a descoberta do tesouro da rainha Aahotep (Dra Abu el-Naga), a limpeza do templo funerário de Hatchepsut (Deir el-Bahari) e do grande templo de Amon (Karnak). Os grandes templos ptolomaicos de Edfu e Dendera foram também libertados dos escombros acumulados ao longo dos séculos. Em Guebel Barkal, no actual Sudão, recuperou as grandes estelas históricas dos reis núbios.

Se é indesmentível e reconhecido que a acção de Auguste Mariette como arqueólogo se saldou por um considerável êxito – Mariette está para a arqueologia egípcia como Champollion para a filologia –, a sua importância principal para as antiguidades egípcias situa-se, porém, noutra plano: assistindo à pilhagem de túmulos e templos por comerciantes pouco escrupulosos e revoltado com o impune e continuado saque de tantos monumentos e documentos egípcios, empenhou-se activamente em impedir a continuação de tal estado de coisas.

Os seus propósitos, com o apoio oficial de Mohamed Said (1854-1863), passavam por regulamentar todo e qualquer tipo de intervenção no solo e subsolo egípcios e evitar que aquilo que era descoberto por egípcios ou entidades estrangeiras saísse sumariamente do Egipto⁽¹⁹⁾. Por nomeação de Mohamed Said, Auguste Mariette é feito, a 1 de Junho de 1858, *maamur*, isto é, «director» dos trabalhos do antigo Egipto, o antepassado do moderno Conselho Supremo das Antiguidades Egípcias, desde 1952 (ano da abdicação do rei Faruk e da instauração da República Árabe do Egipto) dirigido por administradores egípcios⁽²⁰⁾.

O novo Serviço era criado com a expressa finalidade de proteger e recuperar os monumentos e a prospecção dos sítios arqueológicos. Em breve, Mariette criou a primeira regulamentação a nível mundial de protecção patrimonial das culturas indígenas. Paralelamente à exploração científica dos locais, o Serviço limitava as pilhagens, o que, à luz do ambiente geral criado, era já um importante desígnio.

Além de responsável pelas autorizações de escavação e pelos vários trabalhos arqueológicos em território egípcio, o *maamur* empenhou-se em reunir todo o espólio desses trabalhos no Museu Arqueo-

lógico de Bulak (a norte do Cairo, na zona actual de Zamalek), fundado e instalado em antigos armazéns do porto do Cairo justamente para melhor preservar e guardar os objectos achados. Inaugurado em Outubro de 1863, já sob o governo de Ismail Paxá (1863-1879), o Museu de Bulak, com as suas 6500 peças iniciais, constituiria, assim, o antecessor do Museu Egípcio do Cairo, da actual Praça el-Tahrir⁽²¹⁾.

O *Cheikh el-beled*, o *Escriba sentado* (hoje conhecido, por contraste com o do Louvre, como o *Escriba sentado do Cairo*), a estátua de diorite de Khafré, o grupo escultórico de Rahotep e Nofret, entre muitos outros, já não saíram do Egipto e de Bulak seriam transferidos para o actual Museu Egípcio do Cairo onde ainda se encontram⁽²²⁾.

Deveras, Auguste Mariette pode ser considerado «le premier protecteur des racines culturelles du peuple égyptien»⁽²³⁾ e defensor dos seus interesses⁽²⁴⁾. Com o novo organismo por ele chefiado regendo os destinos das antiguidades egípcias, era uma nova era que se abria para a arqueologia, em que a tónica da intervenção especializada era posta, essencialmente, na salvaguarda dos monumentos antigos. Terminava o período heróico e aventureiro e anunciava-se a época da arqueologia organizada, sob os critérios científicos do Serviço de Antiguidades.

A própria noção de «escavação» evoluiu consideravelmente: a principal motivação já não residia na procura de novos documentos, mas sim no seu estudo, tanto dos já detectados como dos a encontrar. O orientalismo deixava de ser uma mera moda para se impor como uma corrente de pensamento de base científica (inclusive com expressivas manifestações literárias e artísticas).

Os 23 anos seguintes da vida de Mariette foram, assim, consagrados àquilo que Serge Sauneron chamava uma das «tâches auxquelles un égyptologue doit se consacrer»: a salvaguarda do património cultural⁽²⁵⁾. Salvar a herança faraónica significa, neste sentido, impedir toda a espécie de vandalismo, depredação ou exploração clandestina⁽²⁶⁾.

A extensão deste conceito aos elementos naturais culminou, já no século XX, com as extraordinárias obras de trasladação de Abu Simbel, Filae, Kalabcha, Beit el-Uali, Kertassi, Dendur, Amada, Der, El-Dakka, El-Maharraqa, El-Sebua, etc., isto é, os cerca de quinze locais e monumentos situados nas margens do Nilo que ficariam submersos devido à construção da Grande Barragem de Assuão.

Paradoxalmente, o homem que chegara ao Egipto em meados do século para proceder à apropriação de mais uma parcela do seu património e que nos primeiros anos da sua actividade foi responsável pela expedição de milhares de objectos artísticos para o exterior, viria

a constituir-se num dos seus principais e maiores defensores, proscrevendo toda e qualquer actividade ilícita ou ilegal, cabendo-lhe a autoria dos primeiros textos legislativos fundadores da salvaguarda do património.

Recusando a Direcção da Biblioteca Nacional de França, um lugar no Senado de França, o cargo de conservador do Museu do Louvre e mesmo uma cátedra no Collège de France, Mariette continuaria infatigável nas suas actividades no Egipto, à frente do Serviço de Antiguidades. O vice-rei conceder-lhe-ia, reconhecido, os títulos de *bey* e, mais tarde, paxá, quer dizer, o mais alto grau honorífico da administração turca. Era o justo prémio para a sua imensa obra em prol da cultura faraónica.

A propósito do pretexto comemorativo deste Colóquio – «Nos 100 anos da morte de Verdi» –, é justo fazer aqui um pequeno parêntesis para referir o papel «musical» de Auguste Mariette. Foi ele que, entre a publicação de trabalhos científicos, viria a compor, em 1869, para o khediva Ismail Paxá, o libreto da ópera *Aida*, de que Giuseppe Verdi (1813-1901) escreveria a música.

Hoje em dia, Mariette é secundarizado como o autor deste drama egipcianizante, em quatro actos e sete cenas, uma vez que Camille du Locle e Antonio Ghislanzoni tomaram conta do enredo original e o alteraram. Quando a 24 de Dezembro de 1871, ainda no âmbito das grandes comemorações da abertura do Canal de Suez (inaugurado dois anos antes, em 1869), o teatro Khediva do Cairo estreou *Aida*⁽²⁷⁾, a verosimilhança do quadro histórico e o enquadramento visual da ópera tinham, não obstante, a chancela de Auguste Mariette, o mesmo que descobrira o *Serapeum* (1850-51), fundara o Serviço de Antiguidades Egípcias (1858), criara o Museu de Bulak (1863) e organizara a secção egípcia da Exposição Universal de Paris (1867).

No final do século XIX, a acção do Serviço de Antiguidades Egípcias e o papel do Museu de Bulak confrontar-se-iam, todavia, com uma dificuldade suplementar na aplicação das medidas de protecção planeadas. Instruídos pelo exemplo dos arqueólogos, os camponeses autóctones haviam tomado consciência das novas condições de trabalho e tornaram-se nos escavadores mais activos – furtivos, é claro – de todo o Egipto. Nesta «arqueologia clandestina» ficaram famosos os aldeãos de Gurna, cuja povoação se situava sobre antigas câmaras e capelas subterrâneas repletas de múmias e mobiliário funerário.

Cerca de 1875, os antiquários de Lucsor propunham aos ricos turistas, em excelente estado de conservação, os mais belos papiros, *chauabti* e objectos de mobiliário funerário. É célebre o caso de um tal Mustafa Agha Ayat, comerciante de antiguidades de Lucsor, que

era também agente consular de Inglaterra, Bélgica e Rússia, o que lhe dava uma sempre útil imunidade diplomática.

Caberia a Gaston Maspero (1846-1916), que, em 1881, à morte de Mariette, assumira a direcção do Serviço de Antiguidades⁽²⁸⁾, investigar as ligações do receptador-comerciante-diplomata Mustafa. O processo policial permitiu identificar os três irmãos Abd el-Rassul da aldeia de Gurna (um dos quais, Mohamed, era empregado de Mustafa) e concluir da sua efectiva participação em escavações não-oficiais e no tráfico de antiguidades. Mas o mais extraordinário estava ainda para acontecer. Uma comissão de inquérito, de que fazia parte o alemão Emil Brugsch (1842-1930), assistente de Maspero, foi conduzida, em Julho de 1881, por Mohamed Abd el-Rassul, à falésia tebana, na margem ocidental, junto ao templo funerário de Hatchepsut, em Deir el-Bahari.

A cerca de doze metros de profundidade estavam depositados os sarcófagos dos mais célebres faraós das XVIII e XIX dinastias (Ahmés, Amenhotep I, Tutmés I, II e III – da XVIII dinastia; Ramsés I, II, III, IX e Seti I – da XIX dinastia), de rainhas (Nefertari, Hatchepsut, Aahotep), príncipes, princesas e de altos funcionários da época, com todo o seu mobiliário funerário. Verdadeiro romance policial, as investigações levavam à descoberta do esconderijo/depósito de Deir el-Bahari, onde se encontravam cerca de quarenta múmias⁽²⁹⁾.

O espólio do túmulo 320 de Deir el-Bahari, desde 1871 fonte da «matéria-prima» com que os Abd el-Rassul abasteciam o mercado negro de antiguidades, foi, de imediato, transportado para o Museu de Bulak⁽³⁰⁾. Hoje, algumas destas múmias integram a prestigiada «Sala das Múmias» do Museu Egípcio do Cairo.

Enquanto sucessor de Mariette à frente do Serviço de Antiguidades Egípcias, G. Maspero desenvolveu um apreciável trabalho na organização das escavações e das antiguidades⁽³¹⁾. Ele próprio foi um emérito arqueólogo, cabendo-lhe a sensacional descoberta, em Sakara, dos «Textos das Pirâmides» nos túmulos de Unas (último rei da V dinastia), de Teti, Pepi I, Merenré e Pepi II (VI dinastia), intervenções no *Ramesseum*, na Grande Esfinge de Guiza, em Medinet Habu e Deir el-Medina, bem como em Karnak, Lucsor, Esna, Edfu e Kom Ombo. Em 1909 seria ele a libertar definitivamente o Templo Grande de Abu Simbel das areias⁽³²⁾.

Sintomático da nova etapa em que havia entrado a arqueologia egípcia, a partir de 1900, sob os auspícios de G. Maspero, então no seu segundo mandato, o Serviço iniciou a publicação dos *Annales du Service des Antiquités de l'Égypte* (ASAE), que ainda hoje se publica, dando conta dos trabalhos anualmente executados sob a sua super-

visão. A revista tornou-se, entretantes, uma das referências bibliográficas da Egiptologia.

Também sob iniciativa de Maspero, mais ou menos na mesma data, uma outra publicação de primeiro plano iniciou a sua impressão: *Catalogue Général du Musée du Caire* (mais de cinquenta volumes foram editados até à sua morte), proporcionando aos estudiosos um instrumento de investigação ímpar.

Com os seus *Études de Mythologie et d'Archéologie* (1893) e *Histoire ancienne des peuples de l'Orient classique* (1895-1899), o próprio Maspero determinou a nossa representação da religião e da história egípcias e os próprios métodos de estudo empregues⁽³³⁾. Embora hoje uma parte substancial da sua obra possa parecer ultrapassada, o prolífico autor francês continua a ser um exemplo, talvez único, de uma global experiência filológica, arqueológica, histórica e também organizativa no campo da Egiptologia⁽³⁴⁾.

O estudo retrospectivo do passado da Egiptologia no século XIX permite-nos, portanto, constatar que, a partir de Mariette, gradualmente, a ideia da necessidade de preservar a herança faraónica foi ganhando credibilidade e adeptos. Concomitantemente, o Serviço de Antiguidades Egípcias ganhou prestígio e autoridade. Com o estabelecimento de importantes cargos académicos de Egiptologia um pouco por toda a Europa e com o desenvolvimento de meticulosas técnicas e métodos de escavação, a Egiptologia, sob a influência da arqueologia, ganhou foro de ciência.

Neste processo foram vitais homens como o inglês William Matthew Flinders Petrie (1853-1942) e o americano George Andrew Reisner (1867-1942)⁽³⁵⁾. O caso de Flinders Petrie é particularmente relevante, na medida em que substituiu integralmente a «caça ao tesouro» ou antiquariato dos anteriores arqueólogos pela adopção de um método de escavação sistemático, aparentemente insignificante e insípido, mas que, com base na datação sequencial dos artefactos, levou à divisão da Época Pré-dinástica em vários estádios culturais que, ainda hoje, são reconhecidos pelos modernos arqueólogos⁽³⁶⁾.

Usando a eficaz e, para a época, inovadora técnica da «arqueologia vertical», Petrie recorria a um método de investigação de longe superior ao dos seus contemporâneos. A sua atenção ao pormenor e detalhe, a preocupação em preservar e registar o máximo de evidências possível dos sítios arqueológicos, a sua concentração no correcto enquadramento e contextualização dos produtos das escavações e a permanente consideração do contributo possível de outras disciplinas para o seu estudo e interpretação, marcariam a arqueologia egípcia, em geral, e a escola inglesa, em particular.

Por tudo isto, Flinders Petrie é comumente considerado o primeiro escavador científico da história da arqueologia egípcia, o mesmo é dizer, o verdadeiro fundador da arqueologia científica. O valor comercial das antiguidades exumadas cederá lugar à sua relevância histórico-arqueológica.

A par do rigor nos seus métodos e técnicas, Petrie preocupou-se em publicar escrupulosamente o resultado dos seus trabalhos, por exemplo, em Nagada, Abidos ou Amarna⁽³⁷⁾. Das várias obras que deixou merece destaque *Methods and aims in archaeology* (1903) em que reflecte sobre as técnicas e os objectivos da prospecção arqueológica. Trata-se de uma obra de referência para toda a arqueologia do século XX.

Por volta de 1890, a arqueologia não era mais um assunto de aventureiros e amadores, mas sim de dedicados e preparados profissionais. A antiga obsessão com o preço que se poderia obter por determinados artefactos no mercado de antiguidades era, agora, um critério que distinguia os «comerciantes» dos verdadeiros arqueólogos.

Ao controverso coleccionismo do início do século, baseado exclusivamente no valor do objecto, contrapunha-se agora, no final do século, a visão científica, centrada no conhecimento do passado através do objecto arqueológico. Em 1891, um texto legislativo elaborado no Egipto estipula que o produto de todas as escavações arqueológicas realizadas em território egípcio pertencia por direito ao Egipto. Epistemológica e legalmente os tempos eram, de facto, outros.

Não surpreende, portanto, que os anos de 1881 a 1914 sejam frequentemente referidos como a «idade de ouro» da Egiptologia. Pela revisão fundamental dos métodos de trabalho e da imagem global da arqueologia, podem também ser encarados como a «idade de ouro» da arqueologia: as escavações são cada vez mais científicas e a antiga «caça ao tesouro» transmuta-se em verdadeiro trabalho arqueológico.

No domínio dos trabalhos de campo, o desenvolvimento dos métodos e das preocupações científicas dos arqueólogos viriam desemboçar nas grandes empresas sistemáticas e de longa duração do início do século XX: os gigantescos trabalhos de restauro dos templos de Karnak (a partir de 1899) e as escavações nas necrópoles das pirâmides de Guiza (desde 1902), nas ruínas da cidade de Amarna (depois de 1908) e na «aldeia dos trabalhadores» de Deir el-Medina e na sua necrópole (depois de 1915).

Igualmente, assiste-se ao nascimento dos grandes organismos de investigação arqueológica que irão ampliar de forma exponencial a eficácia do Serviço de Antiguidades Egípcias: em 1880-1881, a *Mission Archéologique française*, que se tornará, em 1898, o *Institut Français*

d'Archéologie Oriental (IFAO)⁽³⁸⁾; pouco depois, em 1883, *The Egypt Exploration Fund* (depois chamado *Egyptian Exploration Society*)⁽³⁹⁾; em 1894, a *Egyptian Research Society* que, em 1906, dará lugar à *British School of Archaeology in Egypt*. Embora ainda sem um Instituto, de 1905 a 1914, a Alemanha patrocinará campanhas de escavação (em Abusir e Tell el-Amarna) através da *Deutsche Orient Gesellschaft*⁽⁴⁰⁾.

As primeiras equipas de estudiosos destes organismos darão o mote para a rápida sucessão de instituições (universidades e museus) americanas e europeias de outros países que, nos inícios do séc. XX, virão trabalhar na arqueologia do Egipto. Com o passar dos anos, quase todas as nações defensoras da cultura passaram a organizar campanhas arqueológicas no Egipto ou então a trabalhar activamente na conservação de peças ou colecções. Ainda hoje, quase todos os países ocidentais têm uma ou mais missões no Egipto.

O final do século XIX consagra, pois, definitivamente a Egiptologia como ciência. Para o facto muito contribuíram o nível alcançado pelas explorações no terreno, por um lado, e a institucionalização dos organismos supervisores do seu desenvolvimento, por outro.

Devemos, no entanto, ser prudentes nas nossas conclusões e não considerar que todas as missões conduziram as suas actividades exclusivamente ao abrigo de dignos e elevados ideais. Muitas houve que não se tinham ainda conseguido libertar do apelo coleccionista e persistiram na senda da delapidação do início do século. Um caso a citar neste aspecto é o da Missão Arqueológica Italiana, criada em 1903 por Ernesto Schiaparelli (1856-1928).

Responsável pela colecção egípcia do Museu Arqueológico de Florença, entre 1881-1894, E. Schiaparelli viajou pelo Egipto com a manifesta intenção de obter antiguidades, designadamente para o Museu Egípcio de Turim. As suas campanhas, apoiadas pelo rei Vittorio Emanuele III e integradas na Missão Arqueológica Italiana, em Guiza, Heliópolis, Guebelein, Kau el-Kebir e Tebas destinavam-se a recolher material arqueológico relativo às épocas do primitivo núcleo da colecção que estavam escassa ou nulamente representados.

A mais célebre descoberta do arqueólogo italiano seria o túmulo da rainha Nefertari (QV 66), esposa de Ramsés II, no Vale das Rainhas (1904). A ele se deveu igualmente a descoberta, no mesmo Vale, das sepulturas dos príncipes Khaemuset (QV 44) e Amenherkhepechef (QV 55), filhos de Ramsés III, e, em Deir el-Medina, de Maia, Iti e do arquitecto Kha, esta última intacta⁽⁴¹⁾. O rico mobiliário funerário de Kha e as pinturas dos túmulos de Maia e Iti foram transportados para o Museu Egípcio de Turim onde são, até hoje, consideradas das peças mais importantes.

A cobiça desmedida e os métodos de escavação muito pouco recomendados a que Schiaparelli ficou ligado tornam muito criticáveis os seus trabalhos e podem até, sob determinada perspectiva, ser considerados um retrocesso nos procedimentos iniciados por Mariette.

No entanto, a complexidade da problemática associada ao debate da expedição para o exterior de milhares de antiguidades pelos primeiros arqueólogos, despojando o Egipto de uma parte substancial do seu património, deve levar-nos a questionar, por outro lado, o que teria, realmente, acontecido se essas peças tivessem ficado no Egipto: que destino lhes estaria reservado? Teriam sobrevivido até aos nossos dias? Acabariam em colecções particulares, longe da vista e do conhecimento de milhões de pessoas que nos museus públicos, ao longo de cerca de dois séculos, as têm apreciado e fruído? Teriam sido queimados, como aconteceu com alguns outros materiais, em fornos de cal ou reutilizados na construção de outros edifícios? Sem elas, ter-se-ia mantido vivo o mito do Egipto antigo? A investigação científica em várias partes do mundo alcançaria o nível de profundidade e a variedade temática que tem hoje sem o impulso das antiguidades musealizadas?

A actividade arqueológica internacional tem prosseguido até aos nossos dias, interrompida apenas pelas duas grandes guerras mundiais do século passado e por alguns contratempos políticos que, por vezes, eclodem no Egipto e no Médio Oriente. Desde o final do século XIX/início do século XX, as várias instituições e organismos que desenvolvem os seus projectos no Egipto não só realizam importantes trabalhos arqueológicos de campo como se dedicaram à basilar actividade de edição dos monumentos antigos aos quais se consagram.

As escavações revelaram uma quantidade enorme de documentos que, com a sua publicação, permitiram uma rápida expansão da ciência egíptológica com o estudo e a investigação realizados em bibliotecas e universidades da Europa e da América, sobretudo.

Antes da fotografia, só graças ao esforço paciente e, por vezes, solitário de inúmeros artistas é actualmente possível, por exemplo, apreciar as pinturas dos túmulos tebanos, os baixos-relevos de Abidos ou das mastabas da necrópole de Sakara e as reproduções de certos templos egípcios dos períodos ptolomaico e romano, tornando acessível detalhes e características desses monumentos que, entretanto, com o passar do tempo e a deterioração dos lugares, se foram perdendo. Estes levantamentos do legado arquitectónico-artístico egípcio constituem referências inevitáveis para muitas das campanhas arqueológicas que hoje se praticam.

Não é, porém, a partir de nenhuma dessas compilações científicas que propomos avaliar o contributo das intervenções arqueológicas da segunda metade do século XIX para a recuperação e salvaguarda da herança patrimonial dos antigos Egípcios. Vamos usar, como enunciámos no início, as gravuras deixadas pelo pintor escocês David Roberts, que, com toda a propriedade, se podem integrar naquilo que se convencionou chamar o «orientalismo artístico» ou «orientalismo em pintura»⁽⁴²⁾.

David Roberts: «a genius of unusual talent»

As aguarelas do, inicialmente, decorador de teatro David Roberts (1796-1864), depois afamado pintor paisagista e de arquitectura, constituem autênticos documentos históricos, de inestimável valor para a apreciação do estado de conservação dos monumentos do passado faraónico, cerca de meados do séc. XIX.

Depois de ter viajado pela Europa (1824-1830: França, Bélgica, Holanda e Alemanha), de uma demorada estadia em Espanha (onze meses: 1832-33) e de ter feito seguidamente uma primeira incursão no continente africano (Marrocos), David Roberts passou onze meses, entre 1838-1839, no Egipto, na Síria e na Terra Santa.

Já célebre pelas suas litografias do périplo europeu, publicadas na revista *The Landscape Annual* e no volume intitulado *Roberts's Pictures Sketches of Spain* (27 litografias), o pintor escocês, desde 1831 presidente da *Society of British Artist*, esteve três meses no Egipto (Set.-Dez. 1838). Além de Alexandria, subiu o Nilo até à Núbia e visitou os principais locais e monumentos do Egipto antigo até então descobertos (Abu Simbel, Lucsor, Karnak, Vale dos Reis, Edfu, Filae, Kom Ombo, Dendera...). A sua permanência no Cairo ficará marcada pela autorização de visitar as mesquitas e de as representar. Foi a primeira vez que tal privilégio foi concedido a um viajante cristão, ainda que tivesse de envergar trajes muçulmanos.

Regressado a Inglaterra, é eleito membro da *Royal Academy* (1841) e, de 1842 a 1849, com a colaboração do litógrafo belga Louis Haghe, começa a publicar mensalmente os desenhos da viagem que efectuara ao Próximo Oriente e que lhe valerão uma imediata celebridade. Entre os seus clientes-encomendadores estarão a rainha Vitória e o príncipe Albert.

As 272 litografias que publica em seis volumes na obra *The Holy Land, Syria, Idumea, Arabia, Egypt and Nubia* render-lhe-ão uma invejável reputação que o *Times* da época apregoou ao reconhecê-lo

como «a genius of unusual talent»⁽⁴³⁾. A fama de D. Roberts está, assim, indissociavelmente ligada à sua particular habilidade de desenhador de monumentos arquitectónicos, embora também não tenha descurado as cenas de vida quotidiana. As suas gravuras, de uma enorme perfeição técnica, força e precisão minuciosa, autênticas fotografias *avant le temps*, constituem uma preciosa documentação para o apreço e a avaliação da atmosfera arquitectónica do antigo Egipto no século XIX⁽⁴⁴⁾.

As aguarelas que nos deixou, por exemplo, de Abu Simbel, descoberto, como já indicámos, em 1813, por Burckhardt (25 anos antes dos desenhos de Roberts) e explorado por Giovanni Belzoni (1817), em que é particularmente visível a colina de areia que cobria as estátuas colossais da fachada do Templo Grande, representando o faraó Ramsés II, ou a quantidade de areia que, no interior da sala hipostila, chegava aos joelhos dos oito «pilares osiríacos» (com cerca de dez metros de altura cada um), representando o faraó assimilado ao deus do Além, são exemplos desta valiosa informação visual que nos legou.

Simultaneamente, de forma indirecta, deixam-nos perceber o gigantesco trabalho arqueológico que tal local conheceu na segunda metade do século XIX/início do século XX⁽⁴⁵⁾ e que, de certa forma, culminaria na trasladação de 1968, sob a supervisão da UNESCO.

A simples observação da litografia geral do templo de Hórus, em Edfu, cuja construção se iniciou em meados do século III a. C. (237 a. C.), sob Ptolomeu III Evérgeta I, é também suficiente para imaginar e valorizar os esforços dos arqueólogos oitocentistas. A areia que praticamente o cobria na totalidade desempenhou o seu papel de «conservador do património» e não é por acaso que este templo é actualmente considerado o mais bem conservado do Egipto antigo (período ptolomaico).

Além dos seus desenhos, David Roberts transmitiu-nos o seu fascínio por este templo ao escrever no seu diário de viagem: «Encontro-me diante do mais belo templo do Egipto; é verdade que não tem as dimensões do de Karnak e não está tão bem conservado como o de Dendera, mas tem tudo o que podemos desejar»⁽⁴⁶⁾. A sua intuição de que se trataria do mais completo templo egípcio seria confirmada pelas escavações de Mariette.

As litografias alusivas ao templo de Hathor, em Dendera, conferem um particular destaque às inconfundíveis colunas hathóricas e à colunata meio enterrada do *mammisi*, mostrando que os trabalhos de recuperação do templo não haviam ainda terminado.

O santuário de Kom Ombo, outra obra ptolomaica (reinado de Ptolomeu V Epifânio), templo único em território egípcio pela dupla

dedicação a Sobek e Haroéris (Horuer), só em 1893 beneficiaria de escavações sistemáticas tendentes à sua recuperação e reconstituição. A «desolação» do local é particularmente comovente nos desenhos de David Roberts.

Muito atento ao pormenor, como convinha a um pintor de arquitectura, Roberts deixou-nos prova das vivas cores que ainda eram visíveis na época e que hoje, infelizmente, só tenuamente são perceptíveis. Esta característica da decoração pintada é ainda mais marcada nas suas aquarelas da sala hipostila do templo de Ísis, em Filae. O próprio pintor reconheceu o êxtase que tais sensações lhe provocaram: «Fiquei surpreendido e maravilhado pela elegância das suas proporções, mas mais ainda pelas esplêndidas composições das suas cores que pareciam acabadas de pintar; e mesmo nos locais em que se encontravam expostas ao Sol mantinham a sua frescura»⁽⁴⁷⁾.

As composições artísticas de David Roberts sobre o planalto de Guiza, sobre a área sagrada de Karnak e sobre o templo de Amon em Lucsor são igualmente excelentes ilustrações do estado entulhado e ruinoso em que tais locais se encontravam antes das intervenções científicas da segunda metade do século XIX.

O caso da Esfinge de Guiza é muito interessante, pois as gravuras de David Roberts são um cântico ao enigmático e ao misterioso, como a estética romântica sugeria, representando-a completamente soterrada, só com a cabeça a aflorar da areia.

A litografia que representa a fachada do templo de Lucsor não mostra a álea de esfinges androcéfalas que o ligava ao de Karnak, totalmente desconhecida na época. Em contraste, é bem visível a falta de um dos obeliscos: precisamente o que, dois anos antes (1836), o pachá egípcio oferecera à França e que ainda hoje enfeita a Place de la Concorde, em Paris.

Estes são apenas alguns exemplos do muito que a obra de David Roberts ilustra e do que possibilita avaliar do grau de intervenção das expedições e campanhas que, a partir dos anos 40 do século XIX, efectuaram os seus trabalhos nesses mesmos sítios.

Os estudos, análises e reproduções metódicas dos antigos monumentos manifestam, naturalmente, a própria consideração que a Europa romântica tinha por tudo o que era exótico e oriental. Independentemente de algumas «liberdades de composição» que determinadas aquarelas denotam, a documentação litográfica de Roberts é um repositório de informação que nos permite, por contraste, perceber o trabalho arqueológico posteriormente desenvolvido.

*
* *

Mais do que em qualquer outro período da sua história, a arqueologia egípcia do século XIX passou por várias etapas desde a descarada «caça ao tesouro» do início do século, no verdadeiro sentido da palavra uma tentacular empresa organizada de destruição e de delapidação do património, até ao desenvolvimento e utilização de modernas técnicas científicas de organização, prospecção e escavação arqueológicas que marca já a transição para o século XX.

Estas etapas, com todas as suas coloridas vicissitudes, componentes das apaixonantes aventuras e desventuras da própria arqueologia egípcia, representam uma parte substancial da história dos primórdios da Egiptologia e desempenharam um papel determinante na própria implementação e consolidação da disciplina.

Desde então, a arqueologia não mais deixou de enriquecer de forma inestimável o património faraónico conhecido. Em nenhum outro país do mundo, a arqueologia se praticou e pratica de forma tão extensa e intensa como no Egipto⁽⁴⁸⁾. As suas técnicas, acompanhando os novos processos e as novas tecnologias, não cessam de se aprimorar.

A fotografia aérea e por satélite, utilizando diferentes bandas de frequência, as prospecções geofísicas, as sondagens eléctricas ou electromagnéticas, as micro-sondagens por observação endoscópica ou por absorção diferencial das radiações, a micro-gravimetria, a fotometria, a termoluminescência, entre muitos outros, são métodos hoje empregues ao serviço da arqueologia egípcia⁽⁴⁹⁾.

Nos últimos anos, a Egiptologia evoluiu muitíssimo graças ao espectacular desenvolvimento da informática que modificou fundamentalmente os métodos de pesquisa, fornecendo novos tipos de análise estatísticas, das mais simples (análise de frequências, histogramas, gráficos, etc.) às mais sofisticadas (tabelas aleatórias, classificações automáticas, análise de correspondências, inventários, bancos de dados, etc.) e possibilitando, por exemplo, desenhos, mapas e reconstituições virtuais em 3 D ou animadas, que, por arrastamento, sugerem horizontes de trabalho até agora inimagináveis.

Aumentando exponencialmente o nível do nosso conhecimento do passado e a compreensão dos seus vários elementos e das relações complexas estabelecidas pelos diferentes factores em causa, a arqueologia egípcia permanece ainda um pilar da Egiptologia. A partir do contributo primacial dos pioneiros científicos do século XIX, paulatinamente, a arqueologia egípcia aproximou-se da disciplina que Dominique Valbelle concebe e define: «Ce n'est pas seulement une technique,

c'est la combinaison de techniques propres à chaque site, d'une connaissance approfondie des questions abordées et d'une aptitude à mettre les premières au service des secondes»⁽⁵⁰⁾.

Ao mesmo tempo, a problemática da salvaguarda de um património mundial único liga hoje todos os investigadores sérios do antigo Egipto, detentores de uma «consciência ética» bem treinada. Toda a actividade arqueológica implica destruição, na medida em que modifica as condições de um sítio de forma irrecuperável. Todo o levantamento de um nível ou de um estrato, por exemplo, significa inexoravelmente a sua destruição definitiva. Essa destruição só é admissível se, com o auxílio de todos os meios disponíveis, se puder descrever e documentar, com a maior quantidade e diversidade de elementos possível, o antes, o durante e o depois da intervenção arqueológica.

Longe vão, felizmente, os tempos oitocentistas iniciais e a arqueologia egípcia está hoje madura e bem organizada e confere cada vez mais maior importância às preocupações com a conservação, o restauro e a reconstituição dos locais e da herança do antigo Egipto.

Referências bibliográficas

Guillemette ANDREU, «La découverte du tombeau de Toutânkhamon», in *L'Égypte ancienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, pp. 261-263.

Guillemette ANDREU, «L'Égyptologie. Une science en partage», in *A la découverte de L'Égypte*, Paris, L'Œil/Paris musées, 1998, pp. 34-51.

Luís Manuel de ARAÚJO, *Eça de Queirós e o Egipto faraónico*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987.

Claude AZIZ, «L'Égyptomanie», in *L'Égypte ancienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, pp. 271-275.

John BAINES e Jaromír MÁLEK, *Atlas of Ancient Egypt*, Oxford, Phaidon Press Ltd., 1984.

Morris BIERBRIER, Warren DAWSON e Eric UPHILL, *Who was who in Egyptology*, 3ª ed., Londres, The Egyptian Exploration Society, 1995.

Patrice BRET, «La Description de l'Égypte», in *L'Égypte ancienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, pp. 219-220.

Patrice BRET, *L'Égypte au temps de l'expédition de Bonaparte (1798-1801)*, Paris, Hachette, 1998.

Catherine CHADEFAUD, «Auguste Mariette, professeur-pacha», in *L'Égypte ancienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, pp. 243-246.

Maurizio DAMIANO-APPIA, *L'Égypte. Dictionnaire encyclopédique de l'ancienne Égypte et des civilisations nubiennes*, Paris, Gründ, 1999.

Jeannette DEBONO-AYROUT, «Aïda, le message d'amour de Mariette», in *L'Égypte ancienne. Les secrets du Haut-Nil 2*, Paris, Éditions Tallandier, 1998, pp. 149-152.

Description de l'Égypte ..., Colónia, Benedikt Taschen, 1994.

Michel DEWACHTER, *Champollion. Un scribe pour l'Égypte*, Paris, Gallimard, 1990.

Dicionário do Antigo Egipto (dir. Luís Manuel de Araújo), Lisboa, Editorial Caminho, 2001.

Dictionnaire de l'Égypte ancienne, Paris, Encyclopædia Universalis/Albin Michel, 1998.

Pierre GRANDET, «Champollion et le déchiffrement des hiéroglyphes», in *L'Égypte ancienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, pp. 221-236.

Pierre GRANDET, «Le pillage des tombes royales égyptiennes», in *L'Égypte ancienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, pp. 247-260.

Nicolas GRIMAL, *Histoire de l'Égypte Ancienne*, Paris, Fayard, 1988.

Erik HORNING, *La grande histoire de l'Égyptologie*, Mónaco, Éditions du Rocher, 1998.

Jean LACOUTURE, *Champollion. Une vie de lumières*, Paris, Bernard Grasset, 1988.

Yves LAISSUS, «Description d'Égypte. Le grand ouvrage des savants», in *A la découverte de L'Égypte*, Paris, L'Œil/ Paris musées, 1998, pp. 16-33.

Claire LALOUETTE, *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Égypte. I. Des pharaons et des hommes*, Paris, Gallimard, 1984

Jean LECLANT, «Une égyptologue: Gaston Maspero», in *CRAIBL*, Paris, Diffusion de Boccard, 1998, pp. 3-26.

Lettre a M. Dacier ..., Paris, Fata Morgana, 1988.

L'Égypte au Louvre, Paris, Société Française de Promotion Artistique, 1998.

L'Égypte de Jean-François Champollion. Lettres & Journaux de voyage (1828-1829), Paris, Image-Magie, 1998.

Laure MURAT, «Le rêve de Bonaparte. La campagne d'Égypte», in *A la découverte de L'Égypte*, Paris, L'Œil/ Paris musées, 1998, pp. 4-15.

Laure MURAT e Nicolas WEILL, *L'expédition d'Égypte. Le rêve oriental de Bonaparte*, Paris, Gallimard, 1998.

Daniel POLZ, «Las tareas de la arqueología. Las excavaciones recientes», in *Egipto. El mundo de los faraones*, Colonia, Könemann, 1997, pp. 498-507.

- Eça de QUEIRÓS, *O Egípto. Notas de viagem*, Porto, Lello & Irmãos Editores, s. d.
- David ROBERTS, *Voyage en Égypte* (comentário de desenhos de Rita Bianucci), Florença, Bonecchi, 2000.
- David ROBERTS, *Voyage du Sinai à la Terre Sainte* (introdução e comentários de Enrico Nistri), Florença, Bonecchi, 2000.
- José das Candeias SALES, «A Pedra de Roseta – pedra angular da ciência egiptológica», in *História*, Ano XII, nº 131, Agosto 1990, Lisboa, Publicações Projornal, 1990, pp. 32-55.
- José das Candeias SALES, *A arte do Egípto antigo: uma arte para a eternidade*, Lisboa, Universidade Aberta, 2000.
- José das Candeias SALES, «Que Egiptologia para o séc. XXI?», in *O Estudo da História* 4, Lisboa, A. P. H., 2001, pp. 31-38.
- Serge SAUNERON, *L'Égyptologie*, Paris, PUF, 1968.
- Regine SCHULZ, «Cronistas, viajeros y sabios: la imagen de Egípto a lo largo de milenios», in *Egípto. El mundo de los faraones*, Colonia, Kōnemann, 1997, pp. 490-497.
- Alberto SILIOTTI, *Egypte. Terre des pharaons* (tradução francesa de Marie-Paule Duverne), Paris, Librairie Gründ, 1994.
- Alberto SILIOTTI, *Guide to the Valley of the Kings and to the Theban necropolises and temples*, Lucsor, A. A. Gaddis & Sons, 1996.
- Alberto SILIOTTI, *Guide to the Pyramids of Egypt*, Cairo, The American University in Cairo Press, 1997.
- Jan SHAW e Paul NICHOLSON, *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*, Londres, British Museum Press, 1995.
- Dominique VALBELLE, *L'Égyptologie*, Paris, PUF, 1991.
- Dominique VALBELLE *Histoire de l'État pharaonique*, Paris, PUF, 1998.
- Jean VERCOUTTER, *À la recherche de l'Égypte oubliée*, Paris, Gallimard, 1986.
- Bruce TRIGGER, *A history of Archaeological thought*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- Christiane ZIEGLER, *Les antiquités égyptiennes au Louvre*, Paris, Éditions Scala/RMN, 1990.

Notas

(1) Anteriormente, em 1802, o barão Dominique Vivant Denon (1747-1825) dera já um primeiro contributo, de enorme sucesso livreiro, com *Voyage dans la Basse et la Haute*

Egypte pendant les campagnes du Général Bonaparte (141 quadros de paisagens), crónica viva e pitoresca da realidade egípcia de finais de Setecentos/início de Oitocentos. Seria, todavia, a *Description* a marcar o início do séc. XIX e a instituir-se numa obra-base da ciência egiptológica.

(2) Cf. Serge SAUNERON, *L'Égyptologie*, Paris, PUF, 1968, pp. 9-11.

(3) Cf. Laure MURAT, Nicolas WEILL, *L'expédition d'Égypte. Le rêve oriental de Bonaparte*, Paris, Gallimard, 1998, p. 116.

(4) *Ibid.*, p. 127.

(5) A feliz conjugação histórica de dois factores determinantes, a saber, a descoberta da Pedra de Roseta e o genial trabalho de decifração da escrita hieroglífica de Jean-François Champollion, viriam alimentar ainda mais este entusiasmo e esta curiosidade pelo passado egípcio.

(6) Mohamed Ali gabava-se de ter «nascido no mesmo país de Alexandre e no mesmo ano que Napoleão» e apresentava-se como «o continuador muçulmano da obra de Bonaparte» (Cf. *Ibid.*, p. 127).

(7) O Museu de Turim, em resultado da aquisição feita pelo rei do Piemonte, por 400.000 liras, ao cônsul francês Drovetti (1776-1852), foi o primeiro museu da Europa a possuir uma colecção egípcia de grande qualidade, integrando estátuas intactas de Amenhotep I, Tutmés I, Tutmés III, Amenhotep II e Ramsés II. As segundas colecções dos cônsules Salt e Drovetti foram as que mais enriqueceram o Museu do Louvre. Só da colecção Salt, em 1826 (por acção de Champollion), entraram 4014 peças no Louvre. Salt seria também o principal «fornecedor» do British Museum. As colecções de papiros de Leiden, Londres, Paris e Berlim foram, em grande parte, aquisições feitas a Giovanni Anastasi (Cf. J. Vercoutter, *À la recherche de l'Égypte oubliée*, Paris, Gallimard, 1986, pp. 206, 207).

(8) A rivalidade entre Salt e Drovetti levou, inclusive, à demarcação no Egipto de zonas privadas de exploração não oficial, tal a ânsia colecionista que os movia e sustentava.

(9) Cf. *Ibid.*, pp. 77-79.

(10) As reproduções coloridas feitas por Belzoni, em tamanho natural, seriam depois expostas em Londres, com enorme sucesso, no Egyptian Hall (em Piccadilly), em 1821. Motivado pela extraordinária recepção inglesa, Belzoni resolveu expô-las igualmente em Paris. Curiosa coincidência: a bateira que as transportava através de Paris passou diante da *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* no preciso momento em que Jean-François Champollion lia a «certidão de nascimento da Egiptologia», isto é, a carta dirigida a Bon-Joseph Dacier, secretário-perpétuo da Academia, em que anunciava que sabia ler os hieróglifos egípcios. Estava-se na sexta-feira, 27 de Setembro de 1822. O próprio Champollion visitaria a exposição, copiando e lendo alguns dos textos das reproduções de Belzoni (Cf. *Ibid.*, p. 80). No final do século, Eugène Lefébure (1838-1908) trabalharia, entre muitos outros túmulos, no túmulo de Seti I.

(11) Em vários casos, Belzoni não hesitou, por exemplo, em usar golpes de aríete para abrir sarcófagos.

(12) De seu nome completo Achilles Constant Théodore Emile Prisse d'Avennes, o francês trabalhou também ao serviço de Mohamed Ali. O seu interesse pelo estudo dos antigos monumentos egípcios e pelos usos e costumes dos habitantes locais levou-o a abandonar hábitos ocidentais, vestindo-se à maneira turca e adoptando o nome de Idriss Effendi.

(13) Este *Papiro* é muitas vezes considerado como um dos primeiros escritos da humanidade letrada ou «o mais antigo tratado de moral actualmente conhecido» (Cf. Claire LALOUETTE, *Textes sacrés et textes profanes de l'ancienne Egypte. I. Des pharaons et des hommes*, Paris, Gallimard, 1984, pp. 337).

(14) Esta obra juntou-se à *Description de L'Égypte* e converteu-se numa das grandes obras de consulta obrigatória da recém criada Egptologia (Cf. Regine SCHULZ, «Cronistas, viajeros y sabios: la imagen de Egipto a lo largo de milenios» in *Egipto. El mundo de los faraones*, Colonia, Könemann, 1997, pp. 496).

(15) Cf. *L'Égypte de Jean-François Champollion. Lettres & Journaux de voyage (1828-1829)*, Paris, Image-Magie, 1998, p. 21, e Guillemette ANDREU, «L'Égyptologie. Une science en partage» in *A la découverte de L'Égypte*, Paris, L'Œil/ Paris musées, 1998, pp. 36. Numa nota datada de Novembro de 1829, dirigida a Mohamed Ali, Jean-François Champollion escreveu: «Il est du plus haut intérêt (...) que le Gouvernement de Son Altesse veille à l'entière conservation des édifices et monuments antiques (...). Dans ce but désirable, Son Altesse pourrait ordonner qu'on m'enlevait sous aucun prétexte, aucune pierre ou brique, soit ornée de sculptures, soit non sculptée, dans les constructions et monuments antiques existant encore (...). En résumé, l'intérêt bien entendu de la science exige, non que les fouilles soient interrompues (...), mais qu'on soumette les fouilleurs à un règlement tel que la conservation des tombeaux découvert aujourd'hui, et à l'avenir, soit pleinement assurée et bien garantie contre les atteintes de l'ignorance ou d'une aveugle cupidité» (Michel DEWACHTER, *Champollion. Un scribe pour l'Égypte*, Paris, Gallimard, 1990, pp. 121-123). A lista elaborada por Champollion dos sítios do Egipto, da Núbia e do Sudão que convinha proteger era antecedida por uma «note nominative de ceux qu'on a récemment détruits» (*Ibid.*, p. 121).

(16) Em 1866, Richard Lepsius dirigiria nova expedição ao Egipto para explorar as zonas do Suez e do Delta Oriental. Durante esta expedição descobriria o conhecido Decreto de Canopo, datado de 238 a. C., reinado de Ptolomeu III Evérgeta I, como a Pedra de Roseta um decreto trilingue (hieroglífico, demótico e grego) produzido pelos sacerdotes egípcios do período ptolomaico.

(17) A meio do séc. XIX, uma biblioteca egptológica que se prezasse integrava a *Description*, os *Monuments* de Champollion/Rosellini, a *Histoire de l'art* de Prisse d'Avennes e os *Denkmäler* de Lepsius.

(18) Nicolas Grimal apelida Mariette de «fouilleur heureux» (Cf. Nicolas GRIMAL, *Histoire de l'Égypte Ancienne*, Paris, Fayard, 1988, p. 16).

(19) É preciso não esquecer que antes de desenvolver estes militantes sentimentos conservadoristas, o próprio Mariette enviara numerosas peças por si descobertas para o Museu do Louvre, entre as quais se pode referir, a título de exemplo, o famoso *Escriva sentado*, ainda hoje um *ex-libris* da colecção egípcia do museu parisiense. No seguimento das escavações do *Serapeum* de Mênfis e das suas áreas adjacentes, Mariette expediu para o Louvre 44 caixas de antiguidades contendo cerca de 6000 peças (Cf. J. VERCOU-TER, *Ob. Cit.*, p. 210).

(20) Durante quase cem anos (1858-1952), a Direcção do Serviço de Antiguidades Egípcias esteve sob administração francesa: 1858-1881 – Auguste Mariette; 1881-1886 – Gaston Maspero; 1886-1892 – Eugène Grébaut; 1892-1899 – Victor Lorey; 1899-1914 – Gaston Maspero; 1915-1936 – Pierre Lacau e 1936-1952 – Étienne Drioton (Cf. G. ANDREU, *Ob. Cit.*, p. 44).

⁽²¹⁾ Em 1869, Eça de Queirós visitaria o Museu de Bulak e descrevê-lo-ia como «novo, branco, polido, envernizado, estofado, alcatifado» (Eça de QUEIRÓS, *O Egípto. Notas de viagem*, Porto, Lello & Irmãos Editores, s.d., p. 174. Vide também Luís Manuel de ARAÚJO, *Eça de Queirós e o Egípto faraónico*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1987, p. 127).

⁽²²⁾ O túmulo de Mariette, inicialmente instalado nos jardins do Museu de Bulak, seria também transferido para os do Museu Egípcio do Cairo, onde ainda hoje se encontra o seu mausoléu.

⁽²³⁾ Catherine CHADEF AUD, «Auguste Mariette, professeur-pacha» in *L'Égypte ancienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, p. 243.

⁽²⁴⁾ Um episódio paradigmático ocorreu em 1867, quando a imperatriz Eugénia, extasiada com as jóias egípcias expostas no templo egípcio da Exposição Universal, realizada em Paris, pediu autorização para ficar com elas. Mariette, responsável pela secção egípcia, recusou, alegando que os tesouros deviam regressar aonde pertenciam, ou seja, ao Egípto (Cf. G. ANDREU, *Ob. Cit.*, p. 38). A imperatriz Eugénia receberia depois lições de Gaston Maspero sobre a história e civilização egípcias para que pudesse ir ao Egípto «bem preparada», aquando da inauguração do Canal de Suez.

⁽²⁵⁾ S. SAUNERON, *Ob. Cit.*, p. 30.

⁽²⁶⁾ Hodiernamente, entre as destruições devidas aos agentes humanos integra-se também o turismo de massa que, não obstante as divisas que fornece para a economia do país e para a recuperação dos sítios antigos, é, de facto, ele próprio, com as multidões que canaliza para o Egípto, uma causa da sua destruição (Cf. R. SCHULZ, *Ob. Cit.*, p. 497).

⁽²⁷⁾ O teatro fora inaugurado a 1 de Novembro de 1869 com outra ópera de Verdi, o *Rigoletto*. Em Portugal, a *Aida* seria apresentada pela primeira vez a 6 de Fevereiro de 1878.

⁽²⁸⁾ Gaston Camille Charles Maspero ocuparia o cargo de director do Serviço de Antiguidades Egípcias por duas vezes: 1881-1886 e 1899-1914.

⁽²⁹⁾ As múmias reais haviam sido para aí transportadas pelos sacerdotes da XXI dinastia, depois dos habitantes de Tebas, entre 1150-1080 a. C., terem violado a necrópole, atacando o espólio funerário dos antigos reis e senhores do Egípto. Em 1898, Victor Loret (1859-1946) descobriria ainda, no Vale dos Reis, os corpos mumificados de Amenhotep II, Tutmés IV, Amenhotep III (XVIII dinastia), Merenptah, Siptah, Seti II (XIX dinastia), Ramsés IV, V e VI (XX dinastia) – Cf. Pierre GRAND ET, «Le pillage des tombes royales égyptiennes» in *L'Égypte ancienne*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, pp. 248, 249.

⁽³⁰⁾ É célebre o episódio ocorrido durante o trajecto fluvial das várias múmias até ao Cairo: as populações egípcias vieram até às margens do Nilo saudar os reis do passado, os homens disparando tiros para o ar e as mulheres emitindo ruidosos lamentos e deitando o rosto por terra.

⁽³¹⁾ Foi Maspero que criou os «direitos de entrada», vulgo bilhetes, para os locais a visitar pelos turistas e organizou o serviço de guardas junto dos mais visitados. Sob a sua direcção, o Serviço passou a exigir a todos os investigadores estrangeiros garantias científicas que justificassem a obtenção das concessões de escavação. Em colaboração com Ahmed Kamal (1849-1932), conservador-adjunto do Museu do Cairo e primeiro egiptólogo egípcio de renome, Maspero criou museus em vários locais do Egípto (Alexandria, Ismailia, Minia, Assiut, Tanta, Elefantina) para aí mostrar as descobertas locais (Cf. G. ANDREU, *Ob. Cit.*, pp. 39, 40).

(32) Refira-se que Gaston Maspero era, desde 1874 (decreto de 4 de Fevereiro), com apenas 28 anos de idade, professor de «Filologia e Arqueologia Egípcias» no Collège de France. A cátedra de Egiptologia do Collège de France fora criada – sob a designação «Cátedra de Arqueologia» – para Jean-François Champollion, em 1831 (decreto do rei Louis-Philippe, de 12 de Março). Ainda com a mesma designação, a cátedra pertenceria a Jean-Antoine Letronne, de 1837 e 1848, e Charles Lenormant, de 1849 a 1859. Emmanuel de Rougé ocupá-la-ia de 1860 a 1872, já como «Cátedra de Filologia e Arqueologia egípcias», a mesma designação que teve, entre 1874 e 1916, enquanto Gaston Maspero a tutelou. À morte de Maspero, a cátedra foi suprimida e só voltaria a ser instituída, para Alexandre Moret, em 1922, pela primeira vez intitulada «Chaire d'Égyptologie».

(33) Cf. N. GRIMAL, *Ob. Cit.*, p. 7.

(34) Cf. Jean LECLANT, «Un égyptologue: Gaston Maspero» in *CRAIBL*, Paris, Diffusion de Boccard, 1998, pp. 3. J. Leclant define Gaston Maspero como «un savant d'une séduction exemplaire» (*Ibid.*, p. 4) e «un égyptologue complet, tout ainsi l'aise dans la philologie et l'étude des textes que dans l'archéologie et l'interprétation historique» (*Ibid.*, p. 26).

(35) Reisner escavou em Guiza (templo do vale de Menkauré e túmulo da rainha Hetepheres, mãe de Khufu), em Nag el-Derr, Kerma e Deir el-Ballas, bem como nas estações núbias de Guebel Barkal, Nuri e El-Kurru. No templo do vale de Menkauré, em Guiza, Reisner descobriria as famosas «triades de Menkauré», em xisto, hoje espalhadas pelo Museu Egípcio do Cairo e pelo Brooklyn Museum de Brooklyn.

(36) Flinders Petrie acreditava que os dados arqueológicos não se deviam limitar às obras de arte ou às inscrições, como se fizera, preferencialmente, até então, mas que deviam incluir também os testemunhos mais significativos do quotidiano. Considerava qualquer tipo de produção feito à mão como ponto de chegada de uma técnica de trabalho, conferindo, assim, ao objecto um valor que ultrapassava, em muito, o da sua simples utilidade. O seu método de análise e classificação dos estilos formais da cerâmica egípcia permitiu, simultaneamente, datar e distinguir os materiais pré-dinásticos, comparando-os com fragmentos semelhantes encontrados em diferentes lugares. O método das «datas sequenciais» (*sequence dates*) levou-o à identificação e datação de vários estilos ou fases (Cf. José das Candeias SALES, *A arte do Egipto antigo: uma arte para a eternidade*, Lisboa, Universidade Aberta, 2000, pp. 95, 96).

(37) Dos seus 42 anos de actividade arqueológica, espalhada por cerca de quarenta localidades, Flinders Petrie deixou uma vasta obra bibliográfica que integra mais de mil livros, artigos e breves comunicações.

(38) O primeiro director do IFAO seria Gaston Maspero.

(39) A fundadora da *The Egyptian Exploration Fund* e sua primeira secretária foi a inglesa Amelia Ann Blandford Edwards (1831-1892) que dedicou a sua vida à promoção e preservação dos esplendores do Egipto.

(40) Cf. S. SAUNERON, *Ob. Cit.*, pp. 22, 23; N. GRIMAL, *Ob. Cit.*, pp. 16, 17.

(41) Cf. Alberto SILIOTTI, *Egypte. Terre des pharaons* (trad. franc. de Marie-Paule Duverne), Paris, Librairie Gründ, 1994, pp. 90, 216-225; *Id.*, *Guide to the Valley of the Kings and to the Theban necropolises and temples*, Lucsor, A. A. Gaddis & Sons, 1996, pp. 74-93.

(42) O «orientalismo em pintura» não corresponde a nenhuma escola ou a um estilo de pintura particular, mas tão só a uma temática que atravessa os diferentes movimentos picturais do séc. XIX e do início do séc. XX, em que o orientalismo, com o seu luxo,

mistério e maravilhoso, funciona como inspiração dos diferentes artistas. Trata-se, no fundo, de uma consequência directa da descoberta do Oriente pelo Ocidente.

(43) Cf. David ROBERTS, *Voyage du Sinai à la Terre Sainte* (introdução e comentários de Enrico Nistri), Florença, Bonecchi, 2000, p. 52.

(44) David Roberts não foi o único pintor a explorar o Egipto e a deixar-nos imagens das suas viagens. Aliás, o orientalismo artístico não se pode dissociar das viagens: o pintor é, sobretudo, aquele que viaja, pelo Oriente, naturalmente. Também, por exemplo, o seu compatriota Robert Hay (1799-1863) navegou pelo Nilo até Abu Simbel, parando aqui e ali para se documentar para as suas aquarelas. Em Tebas-Vale dos Reis viveu algum tempo instalado no túmulo de Ramsés IV (KV 22) de que nos deixou vários desenhos. As suas litografias, publicadas em 1840, nunca tiveram, contudo, o êxito das de D. Roberts.

(45) Como já referimos atrás, só em 1909 o templo seria definitivamente conquistado às areias, por Gaston Maspero.

(46) David ROBERTS, *Voyage en Égypte* (comentário de desenhos de Rita Bianucci), Florença, Bonecchi, 2000, p. 33.

(47) *Ibid.*, p. 40.

(48) Há actualmente cerca de 100 projectos distintos de escavação estrangeira no Egipto e, no mínimo, outros tantos egípcios (Cf. Daniel POLZ, «Las tareas de la arqueología. Las excavaciones recientes» in *Egipto. El mundo de los faraones*, Colónia, Kōnemann, 1997, p. 499).

(49) Cf. Maurizio DAMIANO-APPIA, «Archéologie» in *L'Égypte. Dictionnaire encyclopédique de l'ancienne Égypte et des civilisations nubiennes*, Paris, Gründ, 1999, pp. 53, 54; Dominique VALBELLE, *L'Égyptologie*, Paris, PUF, 1991, pp. 54-56, 59-63; D. POLZ, *Ob. Cit.*, p. 499; N. GRIMAL, *Ob. Cit.*, pp. 19, 20.

(50) D. VALBELLE, *Ob. Cit.*, p. 50.